

A ROTA DO ESTANHO: GADIR E O COMÉRCIO FENÍCIO NO NOROESTE DA IBÉRIA (SÉCULOS IV – II A.C.)



*Eduardo Ferrer-Albelda*¹

*Francisco J. García Fernández*²

*Antonio M. Sáez Romero*³

*Javier Rodríguez-Corral*⁴

*Pedro Albuquerque*⁵

Resumo: O comércio mediterrânico com as comunidades do Noroeste da Ibéria é um fenómeno histórico que recebeu certa atenção por parte dos académicos unicamente nas duas últimas décadas, apesar de serem relativamente frequentes os achados de produtos de proveniência mediterrânica ou da área do Estreito de Gibraltar em contextos de finais da Idade do Ferro. Recentemente, o Projeto de Investigação La ruta de las Estrímnides. Comercio mediterráneo e interculturalidad en el noroeste de Iberia (HAR2015-68310-P) teve como objetivo o estudo sistemático destes materiais meridionais para incluí-los num contexto espacial e temporal, assim como numa estrutura económica e comercial: rotas de navegação, escalas, ritmos e frequência das viagens, produtos que circularam em ambas as direções e, sobretudo, mecanismos de controle e grupos poder, diretos ou indiretos, implicado neste movimento de pessoas, produtos e ideias.

Palavras-chave: Cassitérides; Projeto Estrímnides.

Dossiê

1 Atualmente trabalha no Departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Sevilla. Eduardo faz pesquisa em Historiografia e Arqueologia. A publicação mais recente é "Mudança cultural e transformação de paisagens do vale do baixo Guadalquivir entre a República e o Império". Para consultar demais publicações do autor: <https://us.academia.edu/EduardoFerrer>. E-mail: eferrer@us.es.

2 Professor Titular do departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Sevilla. Para consultar demais publicações do autor: <https://us.academia.edu/FranciscoJos%C3%A9Garc%C3%ADaFern%C3%A1ndez>. E-mail: fjgf@us.es

3 Professor do departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Sevilla. Doutor pela Universidade de Cádiz (2014) com a tese "Alfáres y saladeros de Gadir. Una aproximación arqueológica a la economía conservera de la Bahía de Cádiz en época púnica y tardo púnica (siglos -VI a -I)". Desde 2005, também esteve envolvido no desenvolvimento de projetos de pesquisa arqueológica na Espanha, Itália, Marrocos e Grécia. Para consultar demais publicações do autor: <https://us.academia.edu/AntonioSaezRomero>. E-mail: prearq@us.es

4 Javier Rodríguez-Corral é membro do GEPN-AAT da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. É especialista em arqueologia teórica e arqueologia da Europa Atlântica no primeiro milénio aC. Para consultar demais publicações do autor: <http://usc-es.academia.edu/JavierRodr%C3%ADguezCorral>. E-mail: javier.corral@usc.es

5 Doutor em História, especialidade em Arqueologia, pela Universidade de Lisboa, com a tese "Tartessos: a construção de identidades através do registo escrito e da documentação arqueológicas: um estudo comparativo". Atualmente atua como pesquisador Bolseiro na FCT, Uniarq e Universidade de Sevilla, com um projeto sobre o povoamento proto-histórico e patrimonial na fronteira hispano-portuguesa do Baixo Guadiana. Para demais obras do autor, consultar: <https://lisboa.academia.edu/PedroAlbuquerque>. E-mail: albuquerque@us.es; pedro.albuquerque@campus.ul.pt.



Abstract: Mediterranean trade with the communities of Northwest Iberia is a historical phenomenon that has received some attention from academics only in the past two decades, despite the relatively frequent findings of products of Mediterranean origin or from the area of the Strait of Gibraltar in contexts of the Late Iron Age. Recently, the “La Ruta de las Estrimnides”. Mediterranean trade and interculturality in the northwest of Iberia (HAR2015-68310-P) Research Project aimed to systematically study these southern materials in order to include them in a spatial and temporal context, as well as in an economic and commercial structure: navigation routes, scales, rhythms and frequency of travel, products that circulated in both directions and, above all, control mechanisms and power groups, direct or indirect, involved in this movement of people, products and ideas.

Key-words: Cassiterides – Estrimnides Research Project.

Resumen: El comercio mediterráneo con las comunidades del noroeste de Iberia es un fenómeno histórico que solamente ha reclamado cierta atención en los ámbitos académicos en las dos últimas décadas, a pesar de que son relativamente frecuentes los hallazgos de productos de procedencia mediterránea o del área del Estrecho de Gibraltar en contextos de finales de la Edad del Hierro. Recientemente, el Proyecto de Investigación La ruta de las Estrimnides. Comercio mediterráneo e interculturality en el noroeste de Iberia (HAR2015-68310-P) ha tenido como objetivo el estudio sistemático de estos materiales de procedencia meridional para insertarlos en un marco espacial y temporal, así como en una estructura económica y comercial: rutas de navegación, escalas, ritmos y frecuencia de los viajes, productos que circularon en ambas direcciones, y, sobre todo, mecanismos de control y grupos de poder, directos o indirectos, implicados en este trasiego de gentes, productos e ideas.

Palabras-clave: Casitérides; Proyecto Estrimnides.

I. ANTECEDENTES HISTORIOGRÁFICOS

Até há algumas décadas, os testemunhos literários greco-latinos, majoritariamente de época romana, constituíam a única fonte de informação sobre o comércio mediterrânico no Noroeste peninsular. A cultura grega nunca teve um conhecimento exaustivo das terras banhadas pelo Oceano, apesar das explorações de dois navegantes massaliotas, Eutímenes e Píteas, às costas atlânticas (PRONTERA, 1990; GÓMEZ ESPELOSÍN *et al.*, 1995). Não obstante, apesar das tentativas de apropriação cultural do Oceano no imaginário greco-latino, o Atlântico foi um “mar fenício”, e o litoral ocidental da Península foi frequentado e explorado fundamentalmente por gaditanos. É o caso das Cassitérides, as ilhas do estanho (Estrabão, **Geografia**, III, 5, 11; Diodoro, **Biblioteca Histórica**, V, 38, 1 – 5; Plínio, **História Natural**, IV, 119; VII, 197; Mela, **Corografia**, III, 47; Ptolomeu, **Geografia** II, 6, 73; Solino, **Colectânea** IV, 12). Igualmente, Avieno (**Ora Marítima** 113 – 119), no final da Antiguidade, fez eco da riqueza metálica de umas ilhas denominadas Estrimnides,



habitualmente identificadas com as Cassitérides dos citados autores greco-latinos, atribuindo a sua exploração aos Tartéssios, aos colonos de Cartago (Himilcão) e a pessoas da área das Colunas de Hércules (ALVAR, 1980; 1997; MILLÁN, 2000; RAMÓN, 2008).

Apesar da exiguidade das fontes literárias, grande parte da historiografia de época moderna e contemporânea centrou-se quase exclusivamente na especulação sobre as rotas frequentadas pelos viajantes fenícios e gregos, assim como na localização deste arquipélago. Ditas rotas foram localizadas indistintamente por autores modernos e contemporâneos europeus em diferentes pontos da costa atlântica, desde o Algarve Português até à Galiza, Bretanha francesa e Cornualha (BLÁZQUEZ Y DELGADO-AGUILERA, 1915; LÓPEZ CUEVILLAS, 1929; MONTEAGUDO, 1953; ALVAR, 1980; 1981; 2000; MILLÁN, 2000).

Não obstante, dedicaremos as próximas páginas à análise dos dados arqueológicos que permitam rever este problema numa outra perspectiva, certamente complementar. Excetuando alguns casos pontuais, esta questão despertou muito pouco interesse até os anos 80 do século XX. Alguns autores, por exemplo, recorreram a possíveis influências mediterrânicas para explicar o nível tecnológico da ourivesaria castreja (LÓPEZ CUEVILLAS, 1951; BLANCO FRIJEIRO, 1957), e uma minoria estendeu esta leitura a outros âmbitos da cultura dos Castros (FERREIRA DE ALMEIDA, 1974; FARIÑA, 1983).

A nosso ver, são três os fatores que permitem entender esta resistência a admitir o papel do comércio mediterrânico: a) a tendência “indigenista” ou “autoctonista” da Arqueologia espanhola desde as suas origens, consolidada nos anos 70 do século XX, no âmbito do paradigma histórico-cultural. Nesta perspectiva, o interesse centrou-se na definição e caracterização da cultura castreja a partir de um “celtismo” profundamente marcado pelo Difusionismo; b) em segundo lugar, a visão funcionalista da Nova Arqueologia interpretou a cultura castreja como um fenómeno resultante da aculturação romana, minimizando o impacto dos contatos prévios (ALMEIDA, 1974; SILVA, 1986; CALO, 1994). Consequentemente, a investigação não se familiarizou com os materiais provenientes da área fenício-púnica meridional, sendo amiúde confundidos na sua atribuição cronológica e cultural (GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2010a, p. 578); c) por último, os próprios especialistas na cultura fenício-púnica não foram capazes de identificar e valorizar as evidências arqueológicas do Norte de Portugal e Galiza. Distância física e preconceitos historiográficos contribuíram para a criação de uma barreira mental que impediu o

reconhecimento da capacidade de navegação mais além de Cádiz, ou mesmo a definição de processos mais complexos do que simples frequentações e navegações esporádicas no litoral português e galego.



As mudanças ocorridas neste cenário nos finais dos anos 80 do século passado respondiam, igualmente, a vários fatores: a) à passagem de competências em matéria de cultura às comunidades autônomas, um acicate que dinamizou a atividade arqueológica e que, a par do crescimento urbanístico, conduziu a um aumento exponencial do número de escavações e, consequentemente, do volume de dados disponíveis; b) aos avanços na investigação sobre o Bronze Final Atlântico (RUIZ-GÁLVEZ, 1984) e a cultura castreja (SILVA, 1986; CARBALLO, 1990, 1999; MARTINS, 1990; NAVEIRO, 1991; REY, 1990-1991; BETTENCOURT, 2000), que construíram os alicerces para evidenciar a conexão atlântico-mediterrânica prévia à conquista romana (CELESTINO et al., 2008); e c) por último, “a promoção de novos investigadores que têm estudado este fenómeno tanto a partir de dentro das comunidades castrejas quanto de uma perspectiva global “mediterrânica” na Galícia e em Portugal” (SUÁREZ OTERO E FARIÑA, 1990; NAVEIRO, 1991; TAVARES, 1993; TAVARES et al., 2001; ARRUDA 2000, 2002, 2007, 2008; PELLICER, 1998, 2000).

Porém, somente na década passada se começaram a publicar de modo mais sistemático materiais e contextos arqueológicos, ainda que grande parte do registro permaneceu inédita nos museus. Deve-se, assim, destacar-se o trabalho de A. González Ruibal (2004b; 2006), a quem cabe o mérito de ter convertido a influência púnica sobre as comunidades castrejas num problema de investigação de primeiro nível e impacto internacional. Além disso, apresentou uma proposta de periodização do comércio púnico com duas fases diferenciadas: o ciclo púnico (meados do século V – finais do século III a.C.) e o ciclo tardo-púnico (início do século II – meados do século I a.C.), que serve como ponto de partida para o nosso trabalho (GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2010a). Destacam-se também os trabalhos de J.C. Domínguez Pérez (2005a, 2005b, 2006, 2011) e A. Mederos Martín e L. Ruiz Cabrero (2003), que sintetizaram a informação sobre importações púnicas na costa atlântica. Por outro lado, J. Rey Castiñeira (1990-1991; 2000), J. Rodríguez-Corral (2008; 2009) e o próprio A. González Ruibal (2006-2007) estudaram a evolução das comunidades castrejas e as mudanças registradas não só nos padrões de povoamento, arquitetura ou cultura material, mas também, e sobretudo, nas relações sociais e nas manifestações simbólicas e identitárias.



Dada a quantidade de sítios que receberam importações mediterrânicas e o volume total que estas adquiriram no território, optou-se por selecionar casos de estudo que ofereciam *a priori* um maior número e variedade de materiais e que, ao mesmo tempo, eram representativos das diferentes áreas e modelos de povoamento da região. Esta seleção baseou-se, por seu turno, numa revisão exaustiva da bibliografia disponível e de relatórios de escavação inéditos. Deste modo, o estudo concentrou-se, inicialmente, nos acervos dos sítios de Toralla, Punta do Muiño do Vento-Alcabre e de A Lanzada, todos eles localizados nas Rias Baixas. Além disso, o elevado número de importações e estruturas que indicavam uma possível aculturação ou presença efetiva de coletivos púnicos são fatores que levaram a incluir estes sítios nos casos de “castros atípicos” e, conseqüentemente, a analisá-los como pontos de partida fundamentais para a revisão da seqüência de contatos entre as esferas mediterrânica e castreja durante o I Milênio a.C.

Posteriormente, o número de sítios ampliou-se perante a disponibilidade parcial dos materiais selecionados e, principalmente, pelo interesse, por parte de vários investigadores e instituições, na inclusão da Baía de La Coruña, da Ria de Arosa ou das imediações de Vigo no projeto. A este elenco juntam-se outros castros, nomeadamente Chandebrito, Vigo, Neixón Grande, O Achadizo, Elviña-*Brigantium*, assim como achados subaquáticos da Baía da Coruña (GARCÍA FERNÁNDEZ *et al.*, no prelo).

Deste modo, analisou-se em primeira mão uma considerável quantidade de contextos e objetos, dos quais uma pequena parte correspondia a elementos de importação enquadráveis nas fases do período anterior à conquista romana, objeto do nosso estudo. Ainda assim, as estadias realizadas em sítios e museus permitiram processar uma quantidade significativa de objetos com origens diversificadas, com cronologias que oscilam entre os séculos V – IV a.C. e o I d.C.

Passando agora à revisão dos principais sítios que proporcionaram documentação, destaca-se o castro de A Lanzada, localizado entre as rias de Pontevedra e Arosa, sem sistemas defensivos e uma estrutura construída em pedra, cuja singularidade para estes momentos é inegável, associada a materiais púnicos dos séculos V ao III a.C. (SUÁREZ E FARIÑA, 1990; GONZÁLEZ RUIBAL, 2004b; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ *et al.*, 2011). Atribui-se-lhe um papel de primeira ordem na rede comercial que distribuía produtos mediterrânicos do Noroeste, função essa que continuou a desempenhar durante

o domínio romano até à Antiguidade Tardia, como se depreende do estudo recente da sua necrópole (RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, 2018a).



Não obstante, é na ria de Vigo que se identificam os achados mais significativos. Aqui escavaram-se dois sítios que exemplificam os modos de contato, assim como as características das transações: Punta do Muiño do Vento e Toralla. O segundo localiza-se numa ilha situada a escassos 500m da costa. As escavações proporcionaram uma grande quantidade de cerâmicas importadas e um par de bétilos pétreos, um deles reutilizado na construção do muro de uma cabana posterior; o outro é um cipo de granito com 1,5m de altura (fig. 5) que foi identificado em contexto (HIDALGO, 1990 – 1991; 1995). É provável que ambos formassem parte de um santuário hipoteticamente datado do século V a.C. (SUÁREZ OTERO, 2004a; ABAD, 2016). A apenas 3.5km a Norte da ilha, documentou-se em Punta do Muiño do Vento (Alcabre) uma estrutura quadrangular com outros três bétilos de granito *in situ*, por sua vez associados às cerâmicas púnicas que apontam para uma cronologia de finais do século V ou inícios do século IV a.C. Num momento posterior, construíram-se casas de tipologia castreja sobre o santuário, mas o sítio continuou a desempenhar um relevante papel comercial, pelo menos até finais do século II a.C. (SUÁREZ OTERO, 2004a; b). Ambos os espaços foram relacionados com as funções dos santuários empóricos fenícios, como centros de intercâmbio e lugares neutros, nos quais a sacralização do lugar garantia a segurança das atividades comerciais, assim como amparo dos viajantes e a apresentação de oferendas antes do início de uma viagem para agradecer o regresso ou os lucros de um negócio (GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2010, p. 589-590).

Localizado um pouco mais a Norte, numa pequena ria subsidiária da ria de Arosa, o Castro Grande de Neixón atraiu há já algumas décadas o interesse dos investigadores (ACUÑA, 1976). Neste, documentou-se um recinto monumental construído na transição entre a I e a II Idade do Ferro, protegido por um fosso e por uma paliçada. No interior do recinto, escavaram-se 16 fossas no substrato rochoso, que se destinavam, possivelmente, ao armazenamento de cereais. Estas fossas foram amortizadas ritualmente entre os séculos IV e II a.C. com cerâmicas locais e púnicas, assim como restos de combustão, escórias, moínhos e restos de moluscos. Junto à entrada do recinto, e nos fossos contíguos, identificaram-se também materiais semelhantes e restos ósseos de cães, porcos e gaivotas. De acordo com a hipótese proposta pelos arqueólogos responsáveis, o sítio apresenta um caráter empórico e desempenhava funções rituais e comerciais, e nele ter-se-ão celebrado banquetes (AYÁN, 2005, 2008; AYÁN et al., 2008; GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2010b).



A uma fase aparentemente mais avançada corresponderiam os sítios de Santa Trega, Vigo, Montealegre, Torres del Oeste e Elviña. O primeiro situa-se junto à desembocadura do Minho e à fronteira com Portugal. Os seus 20ha fazem dele o maior castro galego conhecido (PEÑA, 2001). Parece ter origem em meados do século II a.C. como resultado de um processo de concentração do povoamento proveniente de outros castros de menores dimensões situados nas suas imediações, que neste momento procurariam melhores condições estratégicas e defensivas (CARBALLO, 1996, p. 333). Porém, é provável que escavações recentes tenham identificado uma ocupação anterior dos séculos IV – III a.C., a julgar pela presença de materiais púnicos nos seus inventários (RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, 2018b). Santa Trega recebeu uma grande quantidade de importações mediterrânicas, destacando-se ânforas púnicas e itálicas, cerâmica comum da área do Estreito de Gibraltar, *kalathoi* e cerâmica campaniense (PEÑA, 2001; CARBALLO, 1994; GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2010a, p. 593-595, fig. 9; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, 2018b).

Na ria de Vigo, as intervenções arqueológicas urbanas realizadas na cidade homônima forneceram algumas evidências de importações de origem mediterrânica, tanto no castro como no antigo fundeadouro (O Areal). A quase totalidade do acervo corresponde a ânforas itálicas e cerâmica de verniz negro (HIDALGO, 1987; 1989; 1990-1991), ainda que também se documentaram materiais de proveniência púnica, mas de época romano-republicana (RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, 2016). Na margem Norte da ria, por seu turno, as recentes escavações no castro de Montealegre permitiram documentar um conjunto significativo de produtos exógenos, tanto na zona de habitat como no grande vazadouro de conchas documentado na ladeira Este (GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2007). No primeiro caso, as fases construtivas registradas circunscrevem-se ao período romano-republicano (150 – 25 a.C.) e Júlio-Cláudio (25 a.C. – 50 d.C.), ainda que nos níveis de criação de terraços se tenham identificado cerâmicas de cronologia mais antiga, nomeadamente algumas importações púnicas (ânforas da área do Estreito), produções de tradição turdetana, ânforas itálicas, assim como cerâmicas comuns e de cozinha (panelas, almofarizes, jarros, unguentários, etc.), algumas formas pintadas, tanto púnico-turdetas como ibéricas (*kalathoi*), e vários fragmentos de jarros askóides (GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2007, p. 51-63).

Mais a Norte, na ria de Arosa, as intervenções realizadas no castro de Alobre (TOMÁS, 2008) proporcionaram, igualmente, um conjunto significativo de materiais tardo-púnicos e itálicos, entre os quais se destacam as ânforas e a baixela de verniz negro da Campânia, seguidas dos *askoi* e cerâmicas comuns (panelas, jarras, etc.) de tradição púnica e dos *kalathoi* ibéricos (GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2010a, p. 587). Por seu turno, Torres



del Oeste localiza-se a montante da desembocadura do Ulla na ria de Arosa. Trata-se de um povoado de menores dimensões (menos de 2ha) que ocuparia uma posição intermédia nas redes de intercâmbio como centro redistribuidor de importações mediterrânicas para o interior galego. Entre os materiais recuperados, identificaram-se ânforas de tradição púnica de vários tipos, ânforas itálicas e uma ânfora ródia, além de outras importações alto-imperiais (FERNÁNDEZ PINTOS, 1999; NAVEIRO, 2004).

Em último lugar, o caso de Elviña reveste-se de grande interesse, tanto pelas importações registradas no interior do castro (BELLO E GONZÁLEZ, 2008) como pelos materiais encontrados na própria baía da Coruña. Entre as primeiras sobressaem as ânforas itálicas e a baixela de verniz negro campansiense, além de alguns exemplares de ânforas norte-africanas, um *askos* púnico e fragmentos de cerâmicas pintadas de tradição ibérica. Os achados subaquáticos complementam este panorama com alguns exemplares de ânforas gaditanas e gregas que se mantêm, porém, no mesmo arco cronológico tardo-púnico, salvo um exemplar de T-12111 (NAVEIRO, 1991), que atesta a frequência marítima da zona pelo menos desde o século IV a.C.

Como se pode apreciar, o padrão de importações parece ser constante em todos os lugares estudados, incluindo a área portuguesa entre Santa Olaia, na foz do Mondego e Gaia, na foz do Douro. No caso galego, a amostra analisada dos sítios localizados entre Vigo e A Coruña permite inferir que a procura das comunidades castrejas foi bastante homogênea ao longo destes séculos, e que a seleção dos produtos a exportar para estes mercados periféricos do Noroeste peninsular se adaptou a características muito específicas, nomeadamente o consumo de alimentos de alta qualidade e a aquisição de produtos exclusivos como vinhos mediterrânicos (associados à baixela “helenizada”), azeite e preparados de atum gaditanos.

3. RESULTADOS DAS CAMPANHAS DE ESTUDO DE MATERIAIS DE 2016 – 2018: DIACRONIA DA ATIVIDADE COMERCIAL

O estudo destes sítios e contextos permitiu definir a existência de três fases de importação de produtos de origem meridional ou mediterrânica, considerando como principal critério cronológico as datações conhecidas dos objetos nos seus lugares de produção, fundamentalmente Gadir e a região turdetana, além dos dados das oficinas de Atenas, da Magna Grécia, Itália e, quiçá, da Mauritânia Atlântica. Ditas fases, aparentemente encadeadas, estendem-se



ao longo da II Idade do Ferro e relacionam-se, sem margem para dúvidas, com o processo de integração dos territórios peninsulares na órbita romana e com a ulterior criação do sistema provincial da Hispania. Em linhas gerais, portanto, pode destacar-se que esta “rota atlântica” que ligava o Mediterrâneo (e em concreto a região do Estreito de Gibraltar) com o Noroeste se manteve ativa pelo menos desde meados do I Milênio a.C. de forma constante e, além disso, que o porto de *Gadir/Gades* terá desempenhado ao longo de todas as fases um papel preponderante como intermediário dos contatos entre as comunidades castrejas e as rotas meridionais, tanto as principais como as secundárias.

3.1. Fase 1 (*fnais do século V – século III a.C.*) (fig. 2)

A primeira fase não parece iniciar-se antes de finais do século V ou inícios do IV a.C. e coincide – não por acaso – com uma etapa de grande reestruturação da economia e das empresas marítimas das urbes púnicas do Sul peninsular. Como sugerimos em trabalhos anteriores (SÁEZ ROMERO, 2018; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2019), esta expansão do comércio meridional para áreas periféricas atlânticas tinha, provavelmente, a sua razão de ser num conhecimento e contatos prévios desenvolvidos desde a época arcaica, mas sobretudo na procura de metais e novos mercados que, em certa medida, compensassem a perda de outros negócios lucrativos do Mediterrâneo central e oriental, agora dominados pela emergente potência marítima de Cartago e dos seus aliados. *Gadir* começou, assim, a projetar-se para o Atlântico, explorando estas rotas extremas até às Cassitérides, a Norte, e a Mogador, a Sul (MARZOLY E KHAYARI, 2010), com objetivo de garantir o aprovisionamento de matérias-primas, assim como a consolidação de um domínio marítimo (comercial, pesqueiro, etc.) da zona, dando com isto continuidade ao que possivelmente exercia desde a centúria anterior.

No caso das rias galegas e, em geral, do mundo castrejo, a principal fonte de atração foi, evidentemente, o estanho, mas, como relata Estrabão (**Geografia**, III, 2, 9; III, 5, 1) para a fase final do processo de contato, provavelmente os intercâmbios incluíram outros elementos, tais como escravos, ouro, etc., e em troca os navios gaditanos transportaram sal, alimentos embalados em cerâmicas diversas (vinho, azeite, preparados de peixe, etc.), recipientes de pasta vítrea com perfumes, etc. Além disso, como sugerem os casos de Alcobre e Toralla, na ria de Vigo, a sua presença conduziu a mudanças substanciais, não só nos padrões de consumo alimentar das comunidades castrejas da costa, mas também à construção de altares com bétilos pétreos que puderam ser marcadores de “zonas francas”. Estas seriam idôneas para o encontro dos coletivos e

para o desenvolvimento de transações comerciais, para a celebração de acordos e para a prática de ritos comuns.



Os materiais documentados em Punta do Muiño do Vento são, talvez, os mais eloquentes para a caracterização desta fase. Há, ainda, que assinalar que, em linhas gerais, o padrão de importações parece ser constante em todos os lugares estudados, o que não é um pormenor desdenhável. Sobressai a presença de, pelo menos, uma dezena de exemplares do tipo T-8211 com perfis que sugerem uma datação do século IV e inícios do III a.C. (SÁEZ ROMERO, 2016a), acompanhados por uma T-12111 de cronologia semelhante, cuja pasta indica também uma origem gaditana (em ambos os casos, interpretadas tradicionalmente como salsarias). Da *campiña* gaditano-xericiense provêm, no mínimo, dois exemplares de ânforas olearias de tipo Tiñosa/ T-8112 (CARRETERO, 2007), um deles com uma inclinação da parede que o aproxima dos indivíduos mais antigos desta série, de finais do século V a.C., e outro de tendência cilíndrica que poderia ser datado entre os séculos IV e III a.C. Além disso, documentaram-se algumas paredes de ânforas turdetanas de proveniência indeterminada (oficinas do Baixo Guadalquivir ou Guadalete), cuja tipologia poderia corresponder tanto à série Pellicer BC como à D (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2019).

À margem destes recipientes de transporte, possivelmente outros alimentos que até agora não foi possível determinar foram transportados no interior de grandes jarras de mesa derivadas de *pithoi*, com pastas de origem gaditana (como um indivíduo relacionado com o tipo C1a/ C1Ia da olaria de Camposoto: RAMON *et al.*, 2007), assim como num grupo numeroso de recipientes crateriformes. A morfologia, decoração pintada e pastas cerâmicas permitem afirmar que estes objetos provêm de oficinas localizadas em cidades púnicas da costa atlântica marroquina, como *Luxus* ou *Kuass* (PONSICH, 1968: lâms. XVI, XIX y XX; BRIDOUX *et al.*, 2015, figs. 2,7 e 4,17), ou inclusive da área de Thamusida-Banasa (GIRARD, 1984, fig. 19). Acrescentam-se a estes contentores outros recipientes de menor dimensão de fabrico gaditano, destinados ao serviço de mesa, tanto líquidos (jarrinhas GDR – 10.2.1 e GDR – 10.4.0) como sólidos (pratos de peixe “tipo *Kuass*”). Em ambos os casos, tratam-se de elementos amplamente caracterizados na produção cerâmica gadirita dos séculos IV-III a.C. (SÁEZ ROMERO, 2005; 2008; NIVEAU DE VILLEDARY e SÁEZ, 2016), mas o seu grau de fragmentação não permite avançar com uma maior precisão cronológica.

No interior da ria de Vigo, o estudo dos materiais provenientes do castro de Montealegre parece confirmar a existência de um horizonte de importações semelhante, a julgar pelo protagonismo das ânforas gaditanas T-8211 e dos



contentores. Mais a Norte, em outra península entre as embocaduras das rias de Pontevedra e Arosa, o sítio de A Lanzada proporcionou materiais enquadáveis nesta primeira etapa de contatos da II Idade do Ferro, nomeadamente ânforas T-8211 e Pellicer D, cerâmicas pintadas e um bordo de “recipiente crateriforme” (SUÁREZ e FARIÑA, 1990; GONZÁLEZ RUIBAL, 2004a; GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2010a). O estudo dos materiais depositados no Museu de Pontevedra permitiu confirmar a presença, além de contos de pasta vítrea simples e oculadas, de ânforas púnicas de origem gaditana, com alguns fundos de tipologia indeterminada e um exemplar de T-8211 datável do século III a.C. A este período parece pertencer, igualmente, um bordo de ânfora de tipo greco-italico que pode ter sido fabricada em olarias púnicas da região do Estreito. A juntar a estes contentores anfóricos está um exemplar de “recipiente crateriforme” e vários bojos com decoração linear pintada a vermelho que sugerem a chegada de jarras de tamanho médio e outros recipientes de tipo doméstico que complementaríamos os produtos transportados nas ânforas (possivelmente preparados de peixe e vinho ou azeite).

Continuando para Norte, na zona interna da ria de Arosa encontramos um novo testemunho desta fase de frequentação nos castros de Neixón, onde o padrão de importações parece repetir estes parâmetros. Neste sítio foi possível analisar, além de um unguentário de pasta vítrea (ACUÑA CASTROVIEJO, 1976), pelo menos um exemplar de ânfora T-12111 ou T-12111/2 (SÁEZ ROMERO, 2016b) e um bordo de T-8211, ambos com pastas gadiritas. A estas ânforas pode juntar-se um exemplar de proveniência mediterrânica que atesta o consumo de vinhos seletos no castro: trata-se de um bordo de ânfora de tipo MGS IV, possivelmente fabricado algures na Magna Grécia ou na Sicília oriental (Tarento ou Gela), que está intimamente ligada ao transporte de vinhos de qualidade, documentando-se o seu fabrico e circulação entre o século IV e as primeiras décadas do século III a.C., a julgar por naufrágios como El Sec ou Filicudi F (VANDERMERSCH, 1994). É importante salientar que se trata do exemplar mais ocidental de uma ânfora grega desta cronologia, numa periferia cultural do Mediterrâneo tardo-clássico e helenístico, aparentemente afastada dos modelos de consumo e culturais que justificariam a sua presença. Dois fragmentos de verniz negro, talvez ático ou sud-italico, indicam, porém, que a transmissão de fórmulas culturais para o Noroeste ibérico não só incluiu as cerimónias de consumo de vinho (uma vez que um deles pode corresponder ao fragmento de uma lucerna, enquanto que outro, um bojo sem decoração, pode corresponder a uma taça fechada ou *krater*). Outras importações de origem meridional ibérica invocam, novamente, o que se documentou em Alcobre e A Lanzada: um “recipiente crateriforme” com o bordo pintado a vermelho,



de possível proveniência mauritana, e fragmentos de recipientes de médias dimensões com bordo simples esvasado e um friso no ombro, semelhantes às produções turdetanas dos séculos IV – III a.C. (FERRER e GARCÍA, 2008). Vários fragmentos de paredes pintadas a vermelho, totalmente cobertas ou com linhas, poderiam agrupar-se sem problemas neste conjunto de recipientes médios provenientes dos portos da região do Estreito.

Por último, deve incluir-se neste grupo de achados correspondentes à fase inicial pelo menos uma das peças de proveniência subaquática recuperadas na baía de A Coruña e dadas a conhecer, inicialmente, por J. Naveiro (1991). O exame deste objeto no decorrer do projeto permitiu confirmar uma possível origem gadirita e o seu enquadramento tipológico na série T-12111; as suas características autorizam a propor uma datação entre finais do século IV e inícios do século III a.C. Este achado pontual pode ser relacionado com um fragmento exumado em escavações antigas no castro de Elviña, localizado nas proximidades, que corresponde a uma parede pintada bícroma, com linhas finas em negro que delimitam uma franja vermelha larga, que poderia ser identificada como parte de uma jarra púnica ou com um “recipiente crateriforme”, cuja cronologia aponta para os séculos V – IV a.C. Este significativo, ainda que exíguo, conjunto de dados arqueológicos corunheses permite afirmar que os contactos em todos estes pontos do Noroeste desenvolveram-se, provavelmente, de forma coetânea, sem que a costa da Cantábria seja relegada para uma fase posterior.

3.2. Fase 2 (*Inícios do século II – meados do século I a.C.*) (fig. 3)

A escassez de materiais especificamente relacionáveis com a etapa bárquida, relativamente bem caracterizadas nas produções das olarias gadiritas (SÁEZ ROMERO, 2008), coloca algumas dúvidas sobre a existência de alguma descontinuidade nos contatos estabelecidos com o Noroeste durante esta fase. Porém, não restam muitas dúvidas, a partir dos materiais publicados ou analisados no âmbito deste projeto, de que estas rotas estiveram ativas desde inícios do século II a.C., de novo com o porto de Gadir/ Gades como principal interlocutor com as comunidades castrejas. As transformações ocorridas nos contatos a partir do *foedus* romano de Gadir (206 a.C.) e da abertura das portas do Estreito de Gibraltar ao seu exército e ao comércio são destacáveis, verificando-se uma rápida ascensão da presença de materiais itálicos (sobretudo ânforas vinárias e cerâmicas finas e de cozinha) entre os itens consumidos nos castros galaicos. De qualquer modo, a continuidade de um abundante caudal de produtos provenientes de olarias gaditanas indica que aquelas importações itálicas passaram, muito possivelmente, pelo filtro do porto gaditano,



sendo redistribuídas para o Noroeste do mesmo modo que para o interior dos vales do Guadalquivir e do Guadiana, assim como para as costas do Golfo de Cádiz e Algarve, *Olisipo* e as desembocaduras do Tejo e do Sado (PIMENTA, 2014).

O caso de Punta do Muiño do Vento permite avaliar o quadro de importações detectado nas rias galegas, que novamente constituem um conjunto de itens sistematicamente repetido em todos os sítios analisados, com algumas pequenas modificações que podem ser explicadas pela desigual disponibilidade dos dados e não pela quantidade da amostra. Em Alcabre destaca-se a presença de ânforas gaditanas do tipo T-7433 (e pelo menos uma imitação de ânfora greco-italica/ Dr. 1) junto a recipientes de pasta campana de tipo Dressel 1A e 1C, alguns deles possivelmente reutilizados como contentores domésticos ou tubos, uma vez que tinham o colo recortado quase no arranque inferior. Fragmentos amorfos de verniz negro itálico, assim como *kalathoi* fabricados em olarias da costa da Citerior ilustram a chegada de baixelas e produtos complementares do vinho e dos preparados de peixe. Destaca-se também a presença de vários fragmentos de paredes decoradas com traços pintados a vermelho, em retícula, que provavelmente correspondem à zona superior do corpo de jarros askoides de produção gadirita, uma das formas mais representativas deste horizonte de importações do século II a.C. Relativamente a este aspecto, no caso de Punta do Muiño do Vento todos estes elementos podem situar-se cronologicamente ao longo de grande parte do século II e inclusive nos inícios do século I a.C., levando a crer que, novamente, os contatos se sucederam ao longo de um lapso temporal extenso, talvez associados a um castro e não aos santuários betílicos que, como vimos, caracterizaram a fase anterior. Ao fundo da ria, Montealegre confirma esta tendência na composição das importações, registrando-se uma abundância das ânforas T-7433 e Dr. 1, assim como de jarros askoides e *kalathoi* (GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2007).

Em A Lanzada, numa fase na qual ainda não se esclareceu a relação com a possível “fábrica de salga” identifica em intervenções recentes (RODRÍGUEZ et al., 2011), documentaram-se materiais que caracterizam um horizonte de importações semelhante ao que foi detectado na ria de Vigo. Os vestígios analisados, provenientes de intervenções antigas, indicam igualmente a dinâmica de consumo esboçada para Alcabre: presença notável de recipientes Dr. 1 e verniz negro itálicos (L1, L55, etc.), alguns *kalathoi* de olarias da fachada oriental peninsular, ânforas gaditanas T-7433 (com *opercula* de aba triangular) e outros elementos de baixela e serviço de líquidos de proveniência semelhante, como parecem ser os casos de um jarro askoide e de uma jarra de tamanho médio com corpo globular e bordo plano triangular ligeiramente



projetado para o exterior, cuja produção está bem atestada em lugares como Torre Alta entre finais do século III e as primeiras décadas do século II a.C. (SÁEZ ROMERO, 2008; SÁEZ ROMERO *et al.*, 2016).

Na ria de Arosa era sobejamente conhecida a presença de materiais de importações, nomeadamente em O Achadizo (CONCHEIRO e VILASECO, 2011), que foram reexaminadas no âmbito do projeto. Deste castro provêm, além de algumas contas de colar de pasta vítrea, um fragmento de ombro e arranque de asa de uma ânfora greco-italica ou Dressel 1A de fabrico itálico, uma base tosca que pode corresponder a uma taça globular, um fragmento de parede com bandas vermelhas finas pintadas na superfície exterior e um pedaço pequeno de uma base simples de fundo côncavo. Estas duas últimas peças apresentam pastas relacionáveis com olarias gaditanas e correspondem, respectivamente, a um unguentário de inspiração cartaginesa, bem conhecidos nos inventários de *Gadir/ Gades* de finais do século III a.C. e inícios da centúria seguinte (SÁEZ ROMERO, 2008) e à base de um jarro askoide ou jarra média, possivelmente com cronologia semelhante (SÁEZ ROMERO *et al.*, 2016). Apesar da sua escassez, estes materiais que caracterizam, em conjunto, a chegada de importações oriundas do Sul da Península Ibérica nos dois primeiros terços do século II a.C.

Os castros de Neixón (Boiro) também eram conhecidos anteriormente e funcionavam como centros receptores de importações nesta fase graças aos trabalhos de X. Ayán e colaboradores (AYÁN, 2005; 2008). Destacam-se, do seu acervo, fragmentos de unguentários de pasta vítrea, cerâmicas pintadas e um jarro askoide associado ao fosso do chamado “castro grande” (AYÁN *et al.*, 2008). O estudo destes e de outros materiais no Museu de Boiro permitiu constatar a presença de um destacado número de exemplares de jarros askoides com a característica decoração de botões aplicados no arranque superior da asa; alguns fragmentos pintados com linhas pintadas a vermelho correspondem, provavelmente, à decoração da parte superior do corpo de alguns deles. Destacam-se também materiais de proveniência gaditana, nomeadamente um exemplar de ânfora T-7433 (asa), uma base de jarrinha GRR – 10.4.1 e uma parede com linhas pintadas a vermelho na superfície exterior pertencente a um unguentário globular semelhante ao que se documentou em O Achadizo. Aos materiais de origem gaditana junta-se também a jarra média de corpo globular e lábio aplanado, semelhante às que se descreveram anteriormente em A Lanzada. Estes itens do Sul peninsular são acompanhados por alguns bordos e paredes de ânforas itálicas campanas do tipo Dressel 1A, provavelmente vinculadas ao transporte de vinho. Este conjunto pode ser datado ao longo do século II a.C.



Da ria de Arosa, ainda que esteja atualmente exposto no Museu do Mar de Vigo, provém um achado subaquático pontual de grande interesse, a saber, um jarro askoide quase completo, ao qual lhe falta apenas parte da asa. Este é, atualmente, o exemplar melhor conservado deste tipo, mesmo contando com as áreas de produção gaditanas. A peça em questão permite afirmar que se tratam de recipientes de tamanho médio destinados ao serviço de mesa (líquidos), com um vaso de linhas arredondadas (a decoração pintada está mal conservada, identificando-se alguns traços horizontais a vermelho), fundo côncavo simples, colo estilizado acilindrado e arranque superior da asa decorado com pequenos botões aplicados a ambos os lados. Estas características são habituais nos inventários de Gades e do Noroeste, podendo afirmar-se, a partir desta peça, que provém de um naufrágio, ou que os itens foram usados e atirados ao mar desde as embarcações. Isto também poderia associar-se às áreas mais frequentadas ou aos santuários situados nos castros costeiros da zona.

Entre os materiais que foram dados a conhecer, inicialmente, por J. Naveiro, provenientes de ambientes subaquáticos da baía de A Coruña, encontramos novamente argumentos que permitem sustentar a hipótese de que estas importações tardo-púnicas chegaram ao Cantábrico ocidental, uma vez que não faltam exemplos de ânforas itálicas Dressel 1A e C, assim como uma asa de ânfora vinária ródia. Trata-se do primeiro indivíduo deste tipo documentado em áreas periféricas do Atlântico hispano. Os achados de Elviña, apesar da sua escassez, assinalam, uma vez mais, a tendência verificada noutros sítios: uma Dressel 1 itálica, uma possível Lamboglia 2 da zona adriática, uma asa de ânfora T-7433 de pasta gaditana, além de vários fragmentos de bordo, colo e asa de um jarro askoide produzido, igualmente, em olarias gaditanas. Em conjunto, estes materiais podem ser datados ao longo do século II e inícios do século I a.C.

3.3. Fase 3 (*fnais do século I a.C. – Inícios do século I d.C.*)

A “rota atlântica” que ligava a zona do Estreito (e, indiretamente, as “autoestradas” marítimas mediterrânicas) e o Noroeste alcançou, aparentemente, um auge de atividade a partir da época tardo-republicana, com uma intensificação e diversificação da chegada de produtos alimentares, baixelas e outros elementos aos castros crescentemente urbanizados dos confins da Citerior. Esta dinâmica é sobejamente conhecida no Norte de Portugal, a julgar por naufrágios como o de Esposende (MORAIS, 2007; CARRERAS e MORAIS, 2012; MORAIS et al. 2013), e havia sido já assinalada no caso galego (NAVEIRO, 1991; GONZÁLEZ RUIBAL et al., 2007; PÉREZ LOSADA et al., 2008; FERNÁNDEZ e BARCIELA, 2016). No decorrer do Projecto



Estrímnides, esse fenômeno pôde ser constatado em lugares como Punta do Muiño do Vento ou nos castros de Neixón, onde as ânforas ovoides gaditanas ou Dressel 7/11 e as Ovoide 4/ Haltern 70 do Vale do Guadalquivir são abundantes, e às quais se juntam cerâmicas comuns “béticas” (jarras, almofarizes, caçarolas Vegas 14, etc.), e de copos de *terra sigillata* de proveniência diversa. Se, nas etapas anteriores, o padrão de importações parece ser sistemático, altamente repetitivo em todos os sítios analisados, a partir desta fase este caráter constante parece acentuar-se ainda mais, com um acusado declínio da presença de materiais itálicos e um claro aumento quantitativo das produções do Ocidente bético e de olarias lusitanas, que por sua vez caracterizam a “provincialização” das rotas comerciais hispanas a partir das décadas finais do século I a.C. (GARCÍA VARGAS, 2010).

4. SÍNTESE E CONCLUSÕES

Ao longo destas linhas, procuramos descrever as principais fases identificadas nas importações de origem mediterrânica, assim como as diferenças quantitativas entre umas e outras em relação à origem, tipo, função e significado das mercadorias documentadas nos sítios castrejos estudados. Por outro lado, tentamos explicar o motivo pelo qual se dão contatos nestas fases e com essa intensidade, por exemplo, os processos políticos, sociais e, sobretudo, econômicos que, na perspectiva púnica, permitem entender a manutenção e a evolução da rede comercial estabelecida entre os principais portos da área do Estreito, encabeçados por *Gadir/ Gades*, e as populações atlânticas, especialmente o Noroeste.

É necessário, porém, assinalar as mudanças que estes contatos provocaram nas comunidades castrejas, tanto nos hábitos de consumo como, mais profundamente, nas próprias relações sociais e valores culturais que estas desenvolveram. Não é, por isso, de estranhar que, desde finais do século V a.C., se assiste à construção de pequenos altares com bétilos pétreos em alguns pontos costeiros (fig. 3 e 4), nomeadamente ilhas e penínsulas, que puderam funcionar como “zonas francas” (*middleground*) idóneas para o encontro dos coletivos e para o desenvolvimento de transações comerciais, de acordos e, inclusive, de rituais comuns. Estes lugares de encontro, definidos recentemente como *emporía* (GONZÁLEZ RUIBAL *et al.*, 2010a, p. 588), confirmariam não só a regularidade destes contatos, como também o seu impacto territorial e simbólico, uma vez que faria parte do espaço sacralizado de ambas as comunidades. Estas transformações no âmbito da paisagem física e figurada seriam ainda mais evidentes na segunda fase (séculos II – I a.C.), quando as formas



de intercâmbio estariam menos ritualizadas e haveria uma maior regularidade dos contactos, sendo o lugar de recepção habitual os principais *oppida* (Santa Trega, Vigo, Neixón Grande ou Elviña-*Brigantium*) ou os portos autônomos que destes dependiam (p.ex., Torres do Oeste).

Como um de nós assinalou em trabalhos anteriores (RODRÍGUEZ CORRAL, 2009), no que diz respeito às mudanças de padrões de consumo alimentar, a adoção de produtos e objetos de origem mediterrânica por parte das comunidades castrejas, sobretudo no âmbito da mesa, não parece ter significado uma imitação de práticas exógenas, mas antes uma adaptação destas ao próprio contexto social. Porém o próprio acesso diferenciado aos materiais exóticos e ao seu uso ritualizado converteu-os em elementos importantes na manifestação do status de quem os usava. Em outras palavras, estes objetos fizeram parte dos processos de diferenciação social que se intensificam durante a II Idade do Ferro. Consequentemente, as importações mediterrânicas constituem também uma interessante fonte de informação para conhecer melhor os mecanismos de apropriação simbólica das práticas de comensalidade e, em geral, o papel que estas desempenharam na construção das relações sociais no Noroeste da Península Ibérica.

O estudo dos contextos e repertórios expostos nas linhas precedentes permite, além disso, distinguir e valorizar as singularidades nas pautas de aquisição e consumo destas importações por parte das comunidades castrejas e, acima de tudo, as suas diferenças relativamente a outras comunidades coetâneas da fachada atlântica. Assim, é possível definir um primeiro círculo de distribuição na costa do Algarve e Baixo Guadiana, que funciona praticamente como uma extensão ocidental do denominado “Círculo do Estreito” (SOUZA e ARRUDA, 2010; ARRUDA et al. 2011), tanto na sua matriz cultural (habitat, formas de vida e arquitetura) como nas dinâmicas comerciais, considerando a circulação de ânforas e aos repertórios domésticos, especialmente a cerâmica comum e a baixela de mesa, cuja composição revela também estreitas relações com o interior turdetano (ARRUDA, 2007). Isto é, trata-se de uma zona de influência direta de Gadir, na qual se desenvolveriam centros costeiros como Monte Molião, Faro ou La Tiñosa, entre outros; os registros destes sítios sugerem uma fundação ou “colonização” levada a cabo pela própria metrópole a partir da primeira metade do século IV a.C. em áreas que, aparentemente, não tinham sido ocupadas durante a etapa inicial da Idade do Ferro. Huelva, Tavira e Castro Marim, três centros portuários importantes da zona, revelam também comportamentos de consumo semelhantes, apesar de não fazerem parte dessas “fundações gaditanas”.



Por outro lado, o panorama recentemente descrito para os estuários do Sado, Tejo e Península de Lisboa revela uma mudança ao nível das dinâmicas comerciais em comparação com a I Idade do Ferro, especialmente nos grandes centros portuários (Alcácer do Sal, Setúbal ou Lisboa). Nestes sítios, as importações mediterrânicas decaem até o seu quase desaparecimento entre os séculos IV e III a.C. (SOUSA, 2014; 2017a; 2017b). É arriscado extrapolar esta situação ao litoral centro-norte de Portugal, uma vez que sítios importantes como Santa Olaia ou Conímbriga não apresentam muitos dados desta fase. No entanto, é evidente que a partir de finais do século VI a.C. se produz uma regionalização da economia nos principais estuários atlânticos, com uma intensificação da produção agropecuária e a formalização de novos tipos anfóricos derivados de modelos fenícios arcaicos destinados à distribuição dos excedentes nos seus próprios círculos comerciais (SOUSA e PIMENTA, 2014). O mesmo pode se dizer da cerâmica comum e de mesa, que evolui diretamente das produções introduzidas pelos Fenícios na região, dando lugar a um repertório de origem oriental plenamente adaptado às novas necessidades e gostos do horizonte cultural que surge nesta região após o desmantelamento do sistema colonial e a reorientação das estruturas políticas e territoriais (SOUSA, 2014). Com efeito, mais além da presença de materiais itálicos, por outro lado também reduzidos (ROUILLARD et al. 1989; ARRUDA e SOUSA, 2018), as importações púnicas limitam-se a algumas ânforas da área de Cádiz e do Guadalquivir (SOUSA, 2014; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2019), estando praticamente ausentes recipientes de finais da Idade do Ferro como as T-81112, T-8211 ou T.12111, assim como outras produções meridionais, nomeadamente a cerâmica tipo “Kuass” ou cerâmica comum pintada (SOUSA, 2007, p. 100).

Pelo contrário, no Noroeste, o abastecimento de produtos exógenos não só é relativamente regular e homogêneo ao longo da II Idade do Ferro, como se demonstrou, mas também adquire alguma singularidade. Isto pode ser extensível à costa setentrional portuguesa, onde as comunidades castrejas desenvolveram, aparentemente, comportamentos semelhantes, a avaliar pelos materiais importados que se publicaram até o momento (SILVA, 1986; ILVA e PINTO, 2001; VILAÇA e CUNHA-RIBEIRO, 2008) e por outros contextos inéditos recentemente estudados.

A esta região chegam, provavelmente em momentos anteriores à fase inicial das “fundações gaditanas” do Algarve, ânforas de preparados piscícolas da área do Estreito (T-8211 e, em menor medida, T-12111) e outros contentores do interior da *campiña* de Cádiz (T-8112) e, provavelmente, do Vale do Guadalquivir (Pellicer B-C ou D), que transportavam produtos agrícolas. Estes



materiais associam-se frequentemente a grandes recipientes fabricados a torno pintados, recipientes crateriformes e jarros de diversos tipos, assim como elementos do serviço de mesa: taças ou pratos, alguns em cerâmica “tipo Kuass”. Merecem especial menção os chamados “crateriformes” e a cerâmica grega, que se associaria à introdução do consumo de vinho, evidenciado pela aparição das primeiras ânforas vinárias. Do mesmo modo, é notável, pela sua singularidade (como o caso dos “crateriformes” de possível origem mauritana), a frequente aparição, em etapas mais avançadas desta fase, de jarros askoides decorados provenientes de Cádiz, que não se encontram em outros contextos atlânticos.

O início da conquista romana da Península não fez mais do que intensificar estes contatos e, em meados do século II a.C., são abundantes as ânforas greco-italicas e, posteriormente, as Dressel 1 itálicas e sul-hispânicas que acompanham as produções gaditanas (T-7433) e outros contentores minoritários de origem grega oriental, além de *kalathoi* ibéricos, unguentários e outras formas comuns de tradição púnica. Nesta fase, o consumo ritualizado de vinho está perfeitamente atestado, novamente, pela baixela de mesa importada e, sobretudo, pelas formas de verniz negro campano que começam, nestes momentos, a chegar à Península Ibérica.

Tudo isto parece refletir uma procura seletiva por parte das populações do litoral atlântico peninsular, mais do que uma redução ou interrupção do comércio púnico nesta região, como se propôs recentemente (SOUSA, 2017a, p. 102). Isto é, a escassez de importações na costa central portuguesa não significa um abandono das rotas comerciais estabelecidas em época arcaica (que, como pensamos, estavam plenamente ativas pelo menos desde finais do século V a.C.), mas antes uma manifestação das dinâmicas econômicas e sociais que levaram as comunidades ribeirinhas do Sado e do Tejo a satisfazerem as suas necessidades com produtos próprios, adquirindo unicamente aqueles objetos que as suas oficinas não podiam fabricar ou imitar (cerâmica grega, contas de pasta vítrea, etc.). É, igualmente, provável que tenham adquirido pelas mesmas vias mercadorias a granel que não podiam ser produzidas ou adquiridas localmente. Não esqueçamos que nesta região já existia um tecido produtivo desde a época orientalizante, assim como uma tradição cerâmica de profundas raízes mediterrânicas que, como se disse, evoluiria adaptando-se às necessidades destas comunidades mediante o fabrico de produtos semelhantes aos que circulavam no âmbito cultural púnico (ânforas, cerâmicas de engobe vermelho, cinzenta e pintada), o que significa que a aquisição destes artigos importados terá sido limitada. A isto não foram, certamente, alheios os próprios interesses e valores das elites locais, quiçá menos permeáveis às novas modas helenizantes (ou “mediterrâneas” *latu sensu*) e, pelo contrário, relativamente abertas às influências continentais.



Esta variedade da procura é evidente no Alentejo litoral, onde convivem estabelecimentos portuários relacionados comercialmente (e quiçá culturalmente) com o âmbito gaditano, com sítios de carácter céltico ou celtizados, à semelhança do que ocorre no Algarve. Odemira parece ser, neste sentido, um exemplo eloquente (VILHENA e RODRÍGUES, 2009). No segundo grupo de sítios destaca-se Santiago do Cacém (SOARES e SILVA, 1979), que se caracteriza por uma aquisição mais esporádica de importações, assim como outros que revelam uma estreita interação cultural, como parece ser o depósito ritual de Garvão (BEIRÃO *et al.*, 1985).

No Noroeste, as pautas de consumo desenvolvidas pelas comunidades castrejas durante a segunda metade do I Milênio a.C., assim como a sua regularidade, permitem afirmar que os produtos intercambiados com os púnicos em troca de metais (estanho e ouro) eram mais do que simples objetos exóticos, cujo valor era determinado pela sua raridade ou sofisticação, e que acabaram por ser integrados e adaptados às suas próprias práticas, adquirindo novas funções no âmbito das relações sociais e da construção do seu universo simbólico.

Por outro lado, chama poderosamente a atenção as semelhanças entre estes repertórios e os que se documentam na costa atlântica do Norte de África, especialmente em Kuass (KBIRI ALAOUI, 2007) e Banasa (GIRARD, 1984; ARHARBI e LENOIR, 2004), tanto no que se refere às ânforas como, sobretudo, a determinadas produções (jarros askoites, recipientes globulares com asas e crateriformes). Estas últimas são, efetivamente, muito pouco frequentes na margem Norte do Estreito, estando praticamente ausentes no interior da Turdetânia, enquanto que os jarros askoides aparecem quase sempre em espaços produtivos e não tanto em conjuntos domésticos ou em contextos rituais.

Não é, pois, de estranhar que o elenco anfórico importado nesta área reproduza pautas análogas às de outros portos atlânticos da área do Estreito ou da Mauritânia Ocidental, sobretudo se se considera que fazem parte da mesma rede comercial e que os mesmos produtos puderam ser introduzidos, com maior ou menor êxito, em diferentes mercados. Uma prova disso é o fato de se conhecerem poucos exemplares das ânforas de preparados piscícolas T-11/ T-12 na costa central de Portugal e, menos ainda, de T-8112 e T-8211, que contrasta com a abundância destes elementos às rias galegas no mesmo período, bem como a centros costeiros mauritanos como Mogador, *Thamuisida*-Banasa, *Lixus* ou Kuass. A presença recorrente de formas tão específicas como jarros askoides, unguentários, recipientes globulares e “crateriformes”, associadas a outros elementos para o serviço de bebidas, como jarras ou a baixela



grega, denota uma intenção que vai mais além da mera aquisição de “cerâmica de qualidade” que complementar os repertórios vasculares locais de fabrico manual, uma vez que faltam ou escasseiam outras formas fabricadas a torno comuns na área púnica ou turdetana, nomeadamente as tigelas, taças, copos e alguns recipientes de grande formato, abundantemente exportados para os sítios do Algarve e Golfo de Cádiz. Nesse sentido, é lícito defender a possibilidade de que estas formas não viajassem até às rias galegas como itens cerâmicos, mas antes como contentores de produtos, pelo menos no caso dos recipientes “crateriformes”, e que o seu sucesso entre as comunidades locais se deva não só ao seu potencial uso, mas também ao consumo de vinho, azeites perfumados e outros produtos envasados nos portos de origem.

Estamos ainda longe de oferecer uma explicação satisfatória para este fenómeno, mas é provável que nele convirjam duas circunstâncias diferentes: uma de carácter local, com um interesse por recipientes relacionados com o consumo ritualizado de vinho (*kraters* e taças gregas, crateriformes, jarras tipo olpe e askoides); outra, de carácter comercial, que explicaria a presença concreta destes objetos nos fretes junto a ânforas e outros produtos manufaturados. A combinação entre este conjunto de itens importados (ânforas e outras cerâmicas com pastas gaditanas e os “crateriformes”, assim como outras peças cujo exame macroscópico e tipológico sugere uma origem em olarias mauritanas, constitui uma promissora linha de investigação sobre o alcance das redes comerciais de *Gadir* e o seu papel como intermediária na redistribuição de produtos dentro dos circuitos atlânticos. Se os achados do Algarve deixam poucas dúvidas sobre a participação, amiúde quantitativamente alta, de ânforas e outros objetos de fabrico turdetano nos seus fretes dirigidos tanto para Oeste como para Sul, os novos indícios documentados no Noroeste ibérico permitem afirmar que os seus comerciantes foram capazes de ligar a procura castreja com a produção de algumas urbes de origem semita da costa mauritana, que por sua vez parecem imitar, seguindo parâmetros decorativos púnicos, formas próprias dos repertórios gregos clássicos. Não se pode descartar um contato direto entre as duas zonas, mas, a julgar pela composição dos contextos galegos e do Norte de Portugal, é mais provável que *Gadir* tenha monopolizado o diálogo com estas periferias, usando os elementos de um e outro lado para incrementar as diferenças entre custo e valor.

Isto conduz, novamente, à primeira circunstância, a saber: o carácter especializado da procura das populações castrejas. Uma análise diacrónica destas importações permite pensar que a introdução, a partir do século V a.C., dos *kraters* e taças áticas, terá implicado a adoção e adaptação do repertório helénico aos contextos de consumo ritualizado de bebidas no seio das práticas



desenvolvidas por estas comunidades, onde o vinho que começou a ser importado neste momento deve ter tido um papel relevante. A ampla aceitação deste repertório e a sua ergonomia relativamente à própria comensalidade castreja refletir-se-ia na procura de crateriformes. Esta, por sua vez, dever ter sido incrementada à medida que descia o volume de importações gregas no Ocidente a partir de meados do século IV a.C., e também no fabrico de versões locais modeladas à mão com asas “de colunas” e corpos de tendência globular (REY, 2016). Parece, pois, difícil determinar se estas manufaturas castrejas são uma reprodução direta dos *kraters* gregos clássicos, de versões dos recipientes fabricados a torno, ou mesmo ambos tipos de importações, uma vez que a cronologia atribuída a estas produções não é, até o momento, tão precisa como a dos supostos protótipos. Em todo o caso, é também expressiva a distribuição destas versões de *kraters*, cuja produção e consumo parece ter superado os limites territoriais marcados pelas próprias importações de produtos mediterrânicos, incluindo a quase totalidade dos sítios estudados no âmbito do projeto (Toralla, Alcabre, A Lanzada, O Achadizo, Alobre, Baroña) e um importante conjunto de castros situados no interior (Monte do Castro, Nadelas, Castrolandín, Fozara, etc.).

Consequentemente, parece indiscutível que esta forma desempenhou um importante papel na formalização das relações sociais através da mesa, junto com outros elementos relacionados com o serviço de líquidos (bebidas fermentadas) e o consumo de alimentos sólidos, especialmente carne. Deste modo, o seu significado só pode ser entendido dentro do próprio contexto cultural castrejo e dos valores que se constroem em torno do banquete. O papel crescente do vinho nestes rituais revela-se na frequente aparição, a partir de finais do século III e inícios do século II a.C., de ânforas vinárias itálicas ou sul-hispânicas, assim como de novos recipientes de serviço e consumo (p.ex., jarras askoides), entre outras formas a torno, e sobretudo a partir de meados do século II a.C., com a introdução da baixela de verniz negro itálica, cujo uso se estende com relativa rapidez nesta região. Porém, como se advertiu antes, tanto o vinho como os objetos relacionados com o seu consumo “tiveron significados moi diferentes no contexto indíxena do Noroeste aos que tiñan no Mediterráneo, ao inserirse nos modos convivíais das comunidades castrexas coherentes coa súa historia e estructura social” (RODRÍGUEZ CORRAL, 2009, p. 94).



ABAD VIDAL, Emilio. Betilos púnicos do castro da illa de Toralla. *In*: FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo.; BARCIELA, Pilar (coords.). **Emporivm. Mil años de comercio en Vigo**. Vigo: Concello de Vigo, 2016, p. 58-59.

ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando. Excavaciones en el Castro de O Neixón. **Noticiario Arqueológico Hispánico**, Madrid, 5, 1976, p. 327-330.

ALMEIDA, Coelho Armando Ferreria de; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; SOEIRO, Maria Teresa; BAPTISTA, Antonio José. **Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha**, Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1981.

ALVAR EZQUERRA, Jaime. "Avieno, los fenicios y el Atlántico". *In*: **Homenaje a Fernando Gascó. Kolaïos**, Sevilla, 1997, 4, p. 21-37.

_____. El comercio del estaño atlántico durante el Período Orientalizante. **Memorias de Historia Antigua**, Oviedo, 4, 1980, p. 43-50.

_____. e. **La navegación prerromana en la Península Ibérica: colonizadores e indígenas**, Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1981.

_____. Una lectura arqueológica del Atlántico de Avieno, *in*: Aubet, María Eugenia; Barthélemy, Manuela (coords.), **Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos**, vol. 2, Cádiz: Universidad de Cádiz, 2000, p. 723-725.

ARHARBI R.; LENOIR E. Les niveaux maurétaniens de Banasa. **Bulletin d'Archéologie Marocain**, Tanger, 20, 2004, p. 220-270.

_____. "Les niveaux préromains de Banasa". **Bulletin d'Archéologie Marocaine**, Tanger, 2004, XX, p. 220-270.

ARRUDA, Ana Margarida. A Idade do Ferro do sul de Portugal. Estado da investigação. **Madrider Mitteilungen**, Madrid, 48, 2007, p. 114-139.

_____. Fenícios e púnicos em Portugal: problemas e perspectivas, *in*: VITA, Juan Pablo; ZAMORA, José Ángel (eds.). **Nuevas perspectivas II: la arqueología fenicia y púnica en la Península Ibérica. Cuadernos de Arqueología Mediterránea**, 18, Barcelona: Bellaterra, 2008, p. 13-23.

_____. **Los Fenicios en Portugal. Fenicios e indígenas en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)**. Cuadernos de Arqueología Mediterránea, Barcelona: Bellaterra, 2002, 5-6.

_____. O comércio fenício no território actualmente português, *in*: Fernández Uriel, Pilar; López Pardo, Fernando; González Wagner, Carlos (coords.), **Intercambio y comercio preclásico en el Mediterráneo**. Actas del I Coloquio del CEFYP, Madrid: CEFYP, 2002, p. 59-77.

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de. The Greek pottery of the Tagus estuary, *in*: MORAIS, Rui; LEÃO, Delfim; PÉREZ, Diana; FERREIRA, Daniela (eds.). **Greek Art in Motion. Studies in honour of Sir John Boardman on the occasion of his 90th birthday**, Oxford: Archeopress, 2010, p. 187-195.



ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa de; PEREIRA, Carlos; LOURENÇO, P., Monte Molião. Um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal). **Conimbriga: revista do Instituto de Arqueologia**, Coimbra, 50, 2011, p. 5-32.

AYÁN VILA, Xurxo (coord.). **Os castros de Neixón II**, Boiro: Noia, 2008.

_____. **Os castros de Neixón**. Boiro: Noia, 2005.

AYÁN, Xurxo; RODRÍGUEZ, Rafael; GONZÁLEZ, Leornado; GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo. Arrecendos púnicos. Un novo anaco de aríbalos no Castro Grande de Neixón (Boiro. A Coruña). **Cuadernos de Estudios Gallegos**, Santiago, 55, nº 121, p. 73-92.

BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela. Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. **O Arqueólogo Português**, Lisboa, Série IV, 3, 1985, p. 45-136.

BELLO DIÉGUEZ, José María; GONZÁLEZ AFUERA, Begoña. Elviña, yacimiento abierto. Investigación e intervencións arqueolóxicas en el castro de Elviña (A Coruña): estado de la cuestión. **Férvedes**, Vilalba, 5, 2008, p. 329-338.

BETTENCOURT, Ana María do Santos. **Estações da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)**. Braga: Universidade do Minho, 2000.

BLANCO FREIJEIRO, Antonio. Origen y relación de la orfebrería castreña. **Cuadernos de Estudios Gallegos**, Santiago, XII, 36, 1957, p. 267-301.

BLÁZQUEZ Y DELGADO-AGUILERA, Antonio. **Las Casitérides y el comercio del estaño en la Antigüedad**, Madrid: Real Academia de la Historia, 1915.

BRIDOUX, Virginie; KBIRI ALAOUI, Mohamed; ANDRÉ, Nathalie; GRISONI, Emeline; ICHKHAKH, Abdelfattah.; JULLIEN, Thierry; LENOIR, Éliane; NAJI, Halima. Kouass (Asilah, Maroc), **Chronique des activités archéologiques de l'École française de Rome, Maghreb**, 2015 [URL: <http://journals.openedition.org/cefr/1389>].

CALO LOURIDO, Francisco, **A Cultura Castrexa**, Vigo: A Nosa Terra, 1993.

CARBALLO ARCEO, Luis Xulio. **Catálogo dos materiais arqueolóxicos do museu do Castro de Santa Trega: Idade do Ferro**, A Guarda, 1994.

_____. Los castros de la cuenca media del río Ulla y sus relaciones con el medio físico. **Trabajos de Prehistoria**, Madrid, 47, 1990, p. 161-199.

_____. O marco histórico da cultura castrexa, *Historia da Arte Galega*, tomo I, fasc. 8, Vigo, 1999, p. 113-128.

_____. Os castros galegos: espacio e arquitectura". **Gallaecia**, Santiago, 14-15, 1996, p. 309-357.

CARRERAS, César; MORAIS, Rui. The Atlantic Roman Trade during the Principate. New evidence from the Western Façade. **Oxford Journal of Archaeology**, Oxford, 31, 4, 2012, p. 419-441.



CARRETERO POBLETE, Pedro. **Agricultura y Comercio Púnico-Turdetano en el Bajo Guadalquivir. El inicio de las explotaciones oleícolas peninsulares (siglos IV-II a.C.)**, BAR International Series 1703, Oxford: Archeopress, 2007.

CELESTINO PÉREZ, SEBASTIÁN; RAFEL I FONTANALS, NURIA; ARMADA PITA, Xose Lois. **Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico: (siglos XII-VII a.n.e): la precolonización a debate**, Madrid: CSIC, 2008.

CONCHEIRO COELLO, Ángel.; VILASECO VÁZQUEZ, Xosé Ignacio. Os materiais de importación de orixe mediterránea do castro do Achadizo (Boiro, A Coruña). **Gallaecia**, Santiago, 30, 2011, p. 107-115.

DESERTO, Jorge; PEREIRA, Susana da H.M, **Estrabão: Geografia. Livro III**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016.

DOMÍNGUEZ PÉREZ, Juan Carlos. "Hippii" en los confines del mundo: los límites noratlánticos de la talasocracia de Gadir. In: DOMINGUEZ PÉREZ, J.C. (coord.). **Gadir y el Círculo del Estrecho revisados: propuestas de la arqueología desde un enfoque social**, Cádiz: Universidad de Cádiz, 2011, p. 281-303.

_____. Gallaecia Poena: avance para una definición no esencialista del Hierro final occidental". **Gallaecia**, Santiago, 24, 2005b, p. 35-60.

_____. Materiales púnico-gaditanos en los confines del Extremo Occidente atlántico. **Antiquitas**, Priego de Córdoba, 7, 2005a, p. 5-11.

_____. Materiales púnico-gaditanos en los confines del extremo occidente atlántico. **Antiquitas**, Priego de Córdoba, 17, 2006, p. 5-12.

FARIÑA, Francisco. Panorámica general sobre la cultura castreña, **Estudios de Cultura castrexa e de Historia Antiga de Galicia**, Santiago de Compostela: Universidad de Santiago, 1983 p. 87-128.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; BARCIELA, Pilar (coords.). **Emporivm. Mil años de comercio en Vigo. Catálogo de la Exposición**, Vigo: Concello de Vigo, 2016.

FERNÁNDEZ NIETO, F. J.. **Solino: Colección de hechos memorables**. Madrid, Gredos, 2001.

FERNÁNDEZ PINTOS, María Pilar. Torres de Oeste: cerámica indíxena e romana nas excavacions dos anos 70. **Gallaecia**, Santiago, 18, 1999, p. 223-238.

FERREIRA DE ALMEIDA, Coelho Armando. **Influências meridionais na cultura castreja**, Porto: universidade do Minho, 1974.

FERREIRA, J. R.. **Avieno: Orla marítima**. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.

FERRER ALBELDA, Eduardo; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José. Cerámica turdetana. In: BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA LACOMBA, Alberto (eds.). **Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2008, p. 201-219.



GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José. Rumbo a Poniente: el comercio de ánforas turdetanas en la costa atlántica de la Península Ibérica (siglos V-I a.C.). **Archivo Español de Arqueología**, Madrid, 92, 2019, p. 181-205.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José; FERRER ALBELDA, Eduardo; RODRÍGUEZ-CORRAL, Javier; SÁEZ ROMERO, Antonio Manuel; REY CAS-TIÑEIRA, Josefa (en prelo). La presencia fenicio-púnica en los confines de Iberia, **IX Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos**, Mérida.

GARCÍA VARGAS, Enrique. Ánforas béticas de época augusteo-tiberiana. Una retrospectiva. In: NIVEAU DE VILLEDARY, Ana María; GÓMEZ, Verónica (co-ords.). **Las necrópolis de Cádiz. Apuntes de arqueología gaditana en homenaje a J. F. Sibón Olano**. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 581-624, 2010.

GIRARD, Sylvia. Banasa préromaine, un état de la question. **Antiquités Africaines**, Marseille, 20, 1984, p. 11-93.

GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco Javier; PÉREZ LARGACHA, Antonio; VALLEJO GIRVÉS, Margarita. **La imagen de España en la Antigüedad clásica**, Madrid: Gredos, 1995.

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo. Facing two seas: Mediterranean and Atlantic contacts in the NW of Iberia. **Oxford Journal of Archaeology**, Sheffield, 23, 2004b, p. 287-317.

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo. **Galaicos. Poder y comunidad en el Noroeste de la península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.)**. **Brigantium**, A Coruña, 18-19, 2006-2007.

_____. Past the Last Outpost: Punic Merchants in the Atlantic Ocean (5th-1st centuries BC). **Journal of Mediterranean Archaeology**, Sheffield, 19, 1, 2006, p. 121-150.

_____. Un askós ibicenco en Galicia: notas sobre el carácter del comercio púnico en el Noroeste ibérico. **Complutum**, Madrid, 15, 2004a, p. 33-43.

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Rafael; ABOAL, Roberto; CASTRO, Virginia. Comercio mediterráneo en El castro de Montealegre (Pontevedra, Galicia). Siglo II a. C. - Inicios del siglo I d.C. **Archivo Español de Arqueología**, Madrid, 80, 2007, p. 43-74.

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Rafael; AYÁN, Xurxo. Buscando a los púnicos en el Noroeste. In: FERRER ALBELDA, Eduardo (coord.). **Los púnicos de Iberia: Proyectos, revisiones, síntesis**. Mainake, Málaga, XXXII, 1, 2010a, p. 577-600.

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Rafael; AYÁN, Xurxo. Encounters in the ditch: Ritual and middle ground in an Iron Age hillfort in Galicia (Spain). **Bolletino di Archeologica on line**, Roma, volume speciale A/A6/3, 2010b, p. 25-31.



HIDALGO CUÑARRO, José Manuel. La romanización del castro de Vigo: el comercio de importación de cerámicas finas romanas. **Habis**, Sevilla, 20, 1989, p. 279-291.

_____. Los Castros de la isla de Toralla y Vigo y sus materiales de importación, *in*: **Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología**, 1, Teruel, p. 175-184, 1995.

_____. Materiales arqueológicos del Castro de Vigo. **Lucentum**, Alicante, 6, 1987, p. 123-134.

_____. Últimas excavaciones arqueológicas de urgencia en Vigo: castros y yacimientos romanos. **Castrelos**, Vigo, 3-4, 1990-1991, p. 191-216.

KBIRI ALAOUI, Mohamed. **Revisando Kuass (Asilah, Marruecos). Talleres cerámicos en un enclave fenicio, púnico y mauritano. Saguntum Extra 7**, Valencia: Universidad de Valencia, 2007.

LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino. **Las joyas castreñas**, Madrid: CSIC, 1951.

_____. **Os Oestrimnios, os Saefes e a ofiolatría en Galiza**, Santiago de Compostela: Nós, 1929.

MARTINS, Manuela. **O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado. Cadernos de Arqueologia. Monografias, 5**, Braga: Universidade do Minho, 1990.

MARZOLI, Dirce; EL KHAYARI, Abdelaziz. Vorbericht Mogador (Marokko) 2008. **Madrider Mitteilungen**, Madrid, 51, 2010, p. 61-108.

MEDEROS MARTÍN, Alfredo; RUIZ CABRERO, Luis Alberto. Un Atlántico mediterráneo; fenicios en el litoral portugués y gallego, **Byrsa. Rivista di Studi Punici**, Roma, 3, 2003, p. 351-409.

MILLÁN LEÓN, José. Las navegaciones atlánticas gadiritas en época arcaica (ss. VIII-VII a.C.): Cerne y las Cassitérides, *in*: **Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos**, II, Cádiz: Universidad de Cádiz, 2005, p. 859-867.

MONTEAGUDO, Luis. Oestrymes y Cassitérides en Galicia. **Emérita**, Madrid, 21, 1953, p. 241-248.

MORAIS, Rui. A via atlântica e o contributo de Gádir nas campanhas romanas na fachada noroeste da península. **Humanitas**, Coimbra, 58, 2007, p. 99-132.

MORAIS, Rui; GRANJA, Helena; MORILLO, Ángel (eds.). **O Irado Mar Atlántico. O naufragio bético augustazo de Esposende (norte de Portugal)**, Braga: Universidade do Minho, 2013.

MOURE CASAS, Ana M.. **Plinio el Viejo: Historia Natural. Libros XII-XVI**; Madrid: Biblioteca Clásica Gredos.

NAVEIRO LÓPEZ, Juan Luis. **El comercio antiguo en el NW peninsular. Monografías Urxentes do Museu, 5**, A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico, 1991.

_____. **Torres de Oeste. Monumento histórico e xacemento arqueolóxico**, Pontevedra: Diputación Provincial de Pontevedra, 2004.



NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana María; SÁEZ ROMERO, Antonio Manuel. The red slip tableware of Punic and Early Roman Gadir/Gades (4th-1st c. BC): An updated assessment of the so-called Kuass Ware. *In: JAPP, Sarah; KÖGLER, Patricia (Hrsg.). Traditions and Innovations: Tracking the development of pottery from the Late Classical to the Early Imperial periods. IARPotHP First International Conference* (Berlín, 7-10 noviembre de 2013), Wien, 2016, p. 55-68.

NOBBE, K.F. *Claudii Ptolemaei Geographia*. Leipzig: Teubneri, 1843.

PELLICER CATALÁN, Manuel. El proceso orientalizador en el occidente ibérico. *Huelva Arqueológica*, Huelva, 16, 2000, p. 89-134.

PELLICER CATALÁN, Manuel. La colonización fenicia en Portugal. *Spal, Sevilla*, 7, 1998, p. 93-105.

PEÑA SANTOS, A. de la. *Santa Trega. Un poblado castrejo-romano*, Orense: Albano Editores, 2001.

PÉREZ LOSADA, Fermín; FERNÁNDEZ, Adolfo; VIEITO COVELA, Santiago. Toralla y las villas de la Gallaecia atlántica. *In: FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen; GIL SENDINO, Fernando. (eds.). Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio: arquitectura y función. IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón*, Gijón: Trea, 2008, p. 479-504.

PIMENTA, João.. Os Contextos da conquista: Olisipo e Decimo Jvniio Bruto. *In: FABIÃO, Carlos; PIMENTA, João (coords.). Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo. CIRA Arqueologia 3*, Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, 2014, p. 44-60.

PONSICH, Michel. Alfarerías de época fenicia y púnico-mauritana en Kuass (Arcila, Marruecos). *Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, Valencia, 4, 1968.

PRONTERA, Francesco. L'Estremo Occidente nella concezione geografica dei greci, *in: La Magna Grecia e il lontano Occidente*, Taranto: Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia, 1990, p. 55-82.

RAMON TORRES, Joan. *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*, Barcelona: Universitat de Barcelona, Colección Instrumenta, 2, 1995.

RAMON TORRES, Joan; SÁEZ ROMERO, Antonio Manuel; MUÑOZ VICENTE, Ángel. *El taller alfarero tardoarcaico de Camposoto. Monografías de Arqueología 26*, Sevilla: Junta de Andalucía, 2007.

REY CASTIÑEIRA, Josefa. A cerámica castrexa das Rías Baixas, *in: Fernández Fernández, A; Barciela, P. (coords.), Emporivm. Mil años de comercio en Vigo*, Vigo: Concello de Vigo, 2016, p. 54-55.

_____. Apuntes para un encuadre de la cultura castreña en el marco peninsular, *Actas del 3º Congreso de Arqueología Peninsular. Proto-historia Península Ibérica*, V, Porto: ADECAP, 2000, p. 359-372.



_____. Cerámica indígena de los castros costeros de Galicia occidental: Rías Bajas. Valoración dentro del contexto general de la cultura castreña. **Castrelos**, Vigo, 3-4, 1990-1991, p. 141-163.

RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Rafael María. Ánfora tardopúnica/republicana T.7.4. de procedencia gaditana, in: Fernández Fernández, A; Barciela, P. (coords.), **Emporivm. Mil años de comercio en Vigo**, Vigo: Concello, 2016, p. 60-61.

_____. Cuando los muertos descansaban en la arena: el yacimiento a lanzada en la tardo-antigüedad (Sanxenxo, Pontevedra), in: López Quiroga, Jorge (coord.), **In tempore sueborum el tiempo de los suevos en la Gallaecia (411-585), el primer reino medieval de Occidente: volumen de estudios**, Orense: Diputación de Orense, 2018a, p. 181-186.

_____. Re-excavando Santa Trega (A Guarda, Pontevedra). Nuevos datos y conclusiones del Barrio Mergelina. **Férvedes**, Vilalba, 9, 2018b, p. 167-173.

RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Rafael María; ABOAL, Roberto; CASTRO, Virginia; CANCELA, Cristina; AYÁN, Xurxo. Una posible factoría prerromana en el Noroeste. Primeras valoraciones de la intervención en el campo de A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra). **Férvedes**, Vilalba, 7, 2011, p. 167-173.

RODRÍGUEZ-CORRAL, Javier. **A Galicia castrexa**, Santiago de Compostela: Edicions Lostrogo, 2009.

_____. Galicia Púnica, **Clío: Revista de Historia**, Alcalá de Henares, 80, 2008, p. 48-57.

ROUILLARD, Pierre; PAIXAO, Antonio Cavaleiro; VILLANUEVA-PUIG, Marie-Christine; DURAND, Jean-Louis. Les vases grecques d'Alcácer do Sal. **O Arqueólogo Português**, IV, 6-7, 1989, p. 43-108.

RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, María Luisa. **La Península Ibérica y sus relaciones con el Círculo Cultural Atlántico**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1984.

Sáez Romero, Antonio Manuel, 2016b, Ramon T-12112 (Costa de Baetica), **Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo** (amphorae.icac.cat), Barcelona: ICAC, 2016b.

SÁEZ ROMERO, Antonio Manuel. Aproximación a la tipología de la cerámica común púnico-gaditana de los ss. III-II. **Spal**, Sevilla, 14, 2005, p. 145-177.

_____. Apuntes sobre las dinámicas comerciales de Gadir entre los siglos VI y III a.C. **Gerión**, Madrid, 36, 1, 2018, p. 11-40.

_____. **La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)**. BAR International Series, 1812, Oxford: Archeopress, 2008.

_____. Ramon T-8211 (Costa de Baetica), **Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y consumo** (amphorae.icac.cat), Barcelona: ICAC, 2016a.

SÁEZ ROMERO, Antonio Manuel; LUACES, Max; MORENO, Elena. Late Punic or Early Roman? A 2nd Century BC deposit from Gadir/Gades (Cadiz Bay, Spain), **HEROM. Journal on Hellenistic and Roman Material Culture**, Leuven, 5-1, 2016, p. 27-77.



SILBERMAN, Alain. **Pomponius Mela: Chorographie**. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

SILVA, Antonio Manuel S.P.; PEREIRA, Gabriel Rocha. Povoamento proto-histórico na fachada atlântica do Entre Douro e Vouga. Paleoambientes e dinâmica cultural. In: BETTENCOURT, Ana Maria do Santos; ALVES, Maria Isabel Caetano; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (eds.). **Variações paleoambientais e evolução antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular**, APEQ/CITCEM, 2010, p. 189-203.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; PINTO, José Marcelo Mendes. Comércio púnico com o Noroeste. In: TAVARES, Antonio Augusto; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luis (eds.). **Os Púnicos no Extremo Occidente. Actas do Colóquio Internacional**, Lisboa, 2001, p. 229-238.

SILVA, Armando Coelho Ferreria da. **A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal**, Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citania de Sanfins, 1986.

SOARES, Joaquina; TAVARES DA SILVA, Carlos. Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). **Setúbal Arqueológica**, Setúbal, 5, 1979, p. 159-194.

SOUSA, Elisa de. **A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo**. Estudos & Memórias 7, Lisboa: UNIARQ, 2014.

SOUSA, Elisa de. Algumas reflexões sobre a fase tardia da Idade do Ferro no ocidente atlântico. **Ophiussa**, Lisboa, 1, 2017, p. 91-104.

SOUSA, Elisa de; ARRUDA, Ana Margarida. A gaditanização do Algarve. In: FERRER ALBELDA, E. (coord.). **Los púnicos de Iberia: Projectos, revisiones, síntesis**. Mainake, Málaga, XXXII, 2, 2010, p. 951-974.

SOUSA, Elisa de; PIMENTA, João. A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In: MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, Maria José (eds.). **As produções cerâmicas de imitação na Hispania**, 1, Monografías Ex Officina Hispana II, Porto, 2014, p. 303-315.

SUÁREZ OTERO, J.. Cerámicas iberopúnicas del Castro de Alcabre, siglos V-II a.C.; cerámica, Vigo, Museo do Mar de Galicia. In: **Hasta el confín del mundo: diálogos entre Santiago y el mar**, Vigo: Xunta de Galicia, 2004a, p. 38.

SUÁREZ OTERO, José. Cipo de Toralla y posible altar púnico de Alcabre, siglos V-II a.C., in: **Hasta el confín del mundo: diálogos entre Santiago y el mar**, Vigo: Xunta de Galicia, 2004b, p. 39.

SUÁREZ OTERO, José; FARÍÑA BUSTO, Francico. A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra). Definición e interpretación de un yacimiento castreño atípico. Apuntes para un estudio de los intercambios protohistóricos en la costa atlántica peninsular. **Madrider Mitteilungen**, Madrid, 31, 1990, p. 309-337.

TAVARES, Antonio Augusto. Os Fenícios no Território Português. **Estudos Orientais**, Lisboa, 4, 1993.

TAVARES, Antonio Augusto; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luís. **Os púnicos no Extremo Occidente. Actas do colóquio internacional**, Lisboa, 2001.

TOMÁS BOTELLA, Víctor. Trabajos arqueológicos para la puesta en valor del Castro de Alobre (Vilargarcía, Pontevedra), **Férvedes**, Vilalba, 5, 2008, p. 521-530.

TORRES ESBARRANCH, Juan J.. **Diodoro: Biblioteca histórica**. Madrid: Gredos, 2004.

VANDERMERSCH, Christian. **Vins et amphores de Grande Grèce et de Sicilie. IVe-IIIe s. avant J.-C.** Naples: Centre Jean Berard, 1994.

VILAÇA, Raquel; CUNHA-RIBEIRO, João Pedro. *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira litoral. Territórios da Pré-História em Portugal*, 4, Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2008.

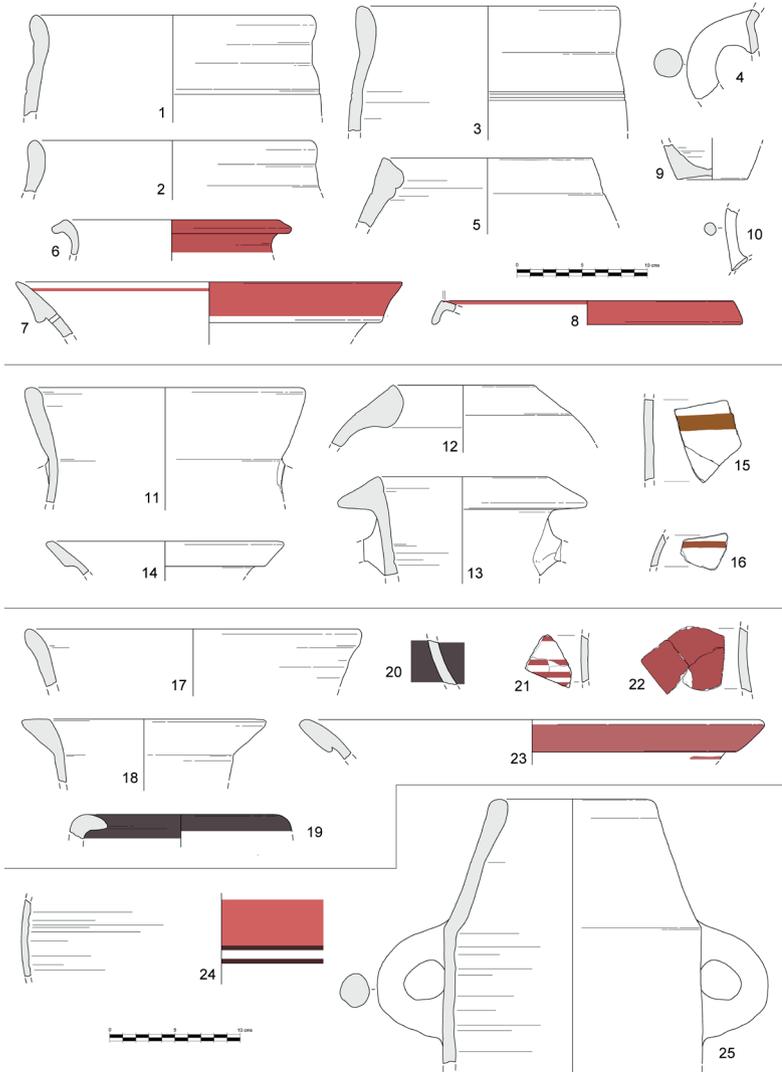
VILHENA, Jorge Costa.; RODRIGUES, J.. *O grande fosso: a escavação arqueológica no cineteatro Camacho Costa e o Cerro do Castelo de odemira na idade do ferro tardia*. In: Silva, I.; Madeira, J.—Ferreria, S. (coords.), *1º Encontro de Historia do Alentejo Litoral*, Sines, p. 204-214, 2009.



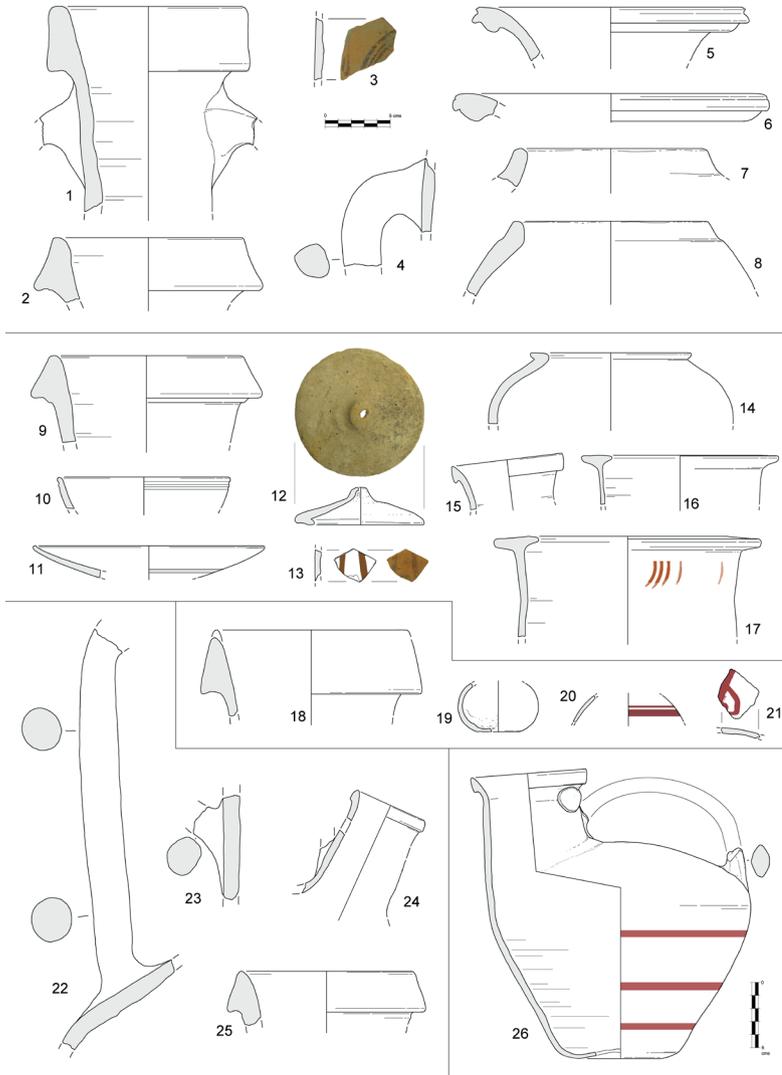
FIGURAS

Figura 1





Alcabre: T-8211 (1-3), T-12111 (4), Tiñosa/T-8112 (5), jarro pintado mediano (6), jarra “crateriforme” (7), prato de pescado “tipo Kuass” (8), jarra GDR-10.2.1 (9), jarrita GDR-10.4.0 (10); A Lanzada: T-8211 (11), fundo de ânfora púnica gaditana indeterminada (12), Greco-itélica (13), jarra “crateriforme” (14), jarras pintadas (15-16); O Neixón: T-8211 (17), ânfora grega MGS IV (18), verniz negro ático? (19-20), fragmentos de jarras pintadas (21-22) e jarra “crateriforme” (23); jarra pintada bicromada do castro de Elviña (24) e T-12111 de procedéncia subaquática da Babia de A Coruña (25).



Dossiê

Alcabre: Dressel 1C (1) y 1A (2) itálicas, T-7433 gaditanas (4-6), Dressel 1 itálicas reutilizadas (7-8), kalathos pintado (3); A Lanzada: Dressel 1 (9) e verniz negro (10-11) itálico, opérculo anfórico gaditano (12), fragmentos de kalathoi (13, 16-17), jarro askoide (15) e jarra esferoide gaditanos (14); O Neixón: Dressel 1 itálica (18), jarrita GDR-10.4.0 (19), unguentário globular pintado (20) e jarro askoide (21); Elviña: T-7433 (23), jarro askoide (24) y Dressel 1 itálica (25); Bahía de A Coruña: asa de ânfora rodía (22); jarro askoide da Ría de Arousa exhibido no Museu do Mar (26).



Bétilos de Alcabre (Vigo, província de Pontevedra, Galiza, Espanha)



Bétilo de la isla de Toralla (Vigo, provincia de Pontevedra, Galiza, Espanha)